

A VISÃO DO AMOR NO *SERMÃO DO MANDATO*, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA**THE VISION OF LOVE IN THE *SERMÃO OF MANDATO*, BY PATRE ANTÔNIO VIEIRA**

Leidiany Melo de Souza*

Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida**

RESUMO: Levando-se em consideração que os gregos definem três tipos de amor, *Eros*, *Fília* e *Ágape*, o objetivo deste trabalho é abordar a visão do amor trazida pelo padre jesuíta Antônio Vieira, no *Sermão do Mandato*, que foi proferido aos doentes do Hospital Real de Lisboa, no ano de 1643. Diante da questão, destaca-se o modo como o padre aborda o tempo, a ausência, a ingratidão e o melhorar de objeto como sendo os quatro remédios do amor e o que ele define como sendo o amor sem remédio. Sendo uma pesquisa de cunho bibliográfico que utiliza como referencial teórico-crítico textos de Alfredo Bosi, Antonio Candido, Elaine Cristina Deckmann Fleck, Mauro Dillmann Tavares, Massaud Moisés, dentre outros, com o intuito de demonstrar que, segundo o jesuíta, o amor é um sentimento que precisa ser cultivado, alimentado e fortalecido pelos indivíduos por meio da moral cristã, que representa o amor *Ágape*, que é o amor divino, o amor de Deus.

Palavras-chave: Amor. Vieira. Sermão. Remédios do amor. Amor sem remédio.

ABSTRACT: Considering that the Greeks define three types of love, *Eros*, *Fília* and *Agape*, the objective of this paper is to approach the vision of love brought by the Jesuit priest Antonio Vieira, in the *Sermon of the Mandate*, which was delivered to the sick of the Royal Hospital of Lisbon, in 1643. In this regard, the way in which the priest approaches time, absence, ingratitude and the improvement of object as the four remedies of love and what he defines as being is highlighted. Love without medicine. Being a bibliographical research that uses as theoretical-critical reference texts of Alfredo Bosi, Antonio Candido, Elaine Cristina Deckmann Fleck, Mauro Dillmann Tavares, Massaud Moisés, among others, in order to demonstrate that, according to

* Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Email: leidianymelo@yahoo.com.br

**Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília - UNB, Doutora em Língua e Literatura espanhola e hispano-americana pela Universidade de São Paulo – USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado e do Departamento de Comunicação e Letras da Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Email: edwirgensletras@gmail.com

the Jesuit, love is a feeling that needs to be cultivated, nurtured, and strengthened by individuals through Christian morality, which represents agape love, which is divine love, the love of God.

Keywords: Love. Vieira. Sermon. Remedies of love. Love without medicine.

A visão do amor

Observa-se que historicamente as produções literárias abordam o amor em uma visão erótica e sexual, vivenciada no contexto do casamento ou fora dele, ou seja, é o amor *Eros*, o amor entre homem e mulher. Entretanto, como evidencia Elaine Fleck e Mauro Tavares (2013) o amor é um assunto amplo e diverso, “(...) estando além da relação afetiva entre os gêneros” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 270). Sendo assim, o objetivo deste trabalho é abordar a visão do amor no *Sermão do Mandato*, do padre jesuíta Antônio Vieira, proferido aos doentes do Hospital Real de Lisboa, em 1643.

Segundo Carlota Santos (2012), o início da Idade Moderna portuguesa “coincidiu com o término de quase duas centúrias de acentuada depressão demográfica resultante dos efeitos combinados da peste, que grassou de forma mais ou menos intensa pela maior parte dos países europeus durante os séculos XIV e XV” (SANTOS, 2012, p. 205). Coincidiu também com as crises que assolaram grandes populações promovendo fomes insistentes e o aumento da mortalidade, além de guerras fronteiriças e externas que dizimaram parte da população ativa masculina, externando em um declínio considerável dos níveis de casamentos e nascimentos nos anos posteriores.

Santos (2012) declara que entre 1527 a 1532 e em 1580 a população portuguesa cresceu significativamente, acompanhada de um período de desaceleração até o ano de 1640, devido às crises de mortalidade sucedidas nas três últimas décadas de Quinhentos e também devido à emigração para o Brasil ou às migrações internas para os principais centros urbanos portugueses, principalmente para Lisboa. As quatro últimas décadas do século XVII representaram um período de crescimento modesto, em consequência de um contexto político instável ligado a

fatores climáticos desfavoráveis e a proliferação de doenças contagiosas que influenciaram os níveis de mortalidade.

Fleck e Tavares (2013) apontam que os séculos XVI e XVII apresentaram um significativo crescimento demográfico em Lisboa acarretado pelo comércio ultramarino. Em contrapartida, a cidade se viu devastada por epidemias como a difteria, a malária (febre terçã), o tifo, a febre tifoide e a peste bubônica, situação intensificada pela falta de alimentos e alta dos preços, principalmente a partir do declínio dos lucros vindos da produção açucareira no Brasil, durante o período posterior à Restauração, no ano de 1640.

De acordo com Priscila Silva (2015), no século XV temos a figura do rei dom João II como o protagonista de um processo de centralização política, sendo incentivador e financiador da expansão ultramarina, além de ser o responsável por uma extensa reforma hospitalar, que levou a estrutura de assistência portuguesa em direção à modernidade. Apesar de ser um período de rupturas com as práticas assistenciais antecedentes, ocorreram algumas permanências, pois a enfermidade e a miséria continuaram sendo vistas como mediadoras e intercessoras do perdão divino, abrindo as portas do paraíso.

P. Silva (2015) explicita que o rei dom João II preocupou-se com a saúde do reino, seja a saúde espiritual ou a saúde corporal. No sentido espiritual, dedicou-se à prática da caridade, realizando peregrinações, romarias e orações que demonstram um rei extremamente devoto e envolvido com a salvação de sua alma e a caridade cristã. Já no sentido corporal, passou a cuidar da questão da peste, elaborando e negociando com a corte pontifícia uma reestruturação hospitalar, intervindo na ação de boticários e cirurgiões e até em questões sanitárias da cidade. Sabendo que o antigo modelo hospitalar não abrangia mais o atendimento de uma população em crescimento e adoecimento, o rei começa uma negociação com a cúria papal para concentrar em um grande hospital todos os ineficientes e pequenos hospitais de Lisboa.

Conforme Luís Ramos (1993), dom João II requisitou ao Sumo Pontífice a incorporação, em um único hospital, de todos os hospícios da capital, “conseguindo, em 1485 a autorização em causa, não só para Lisboa, como ainda para todas as

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

idades do Reino, onde as casas menores deveriam agregar-se à maior que em cada núcleo urbano existisse” (RAMOS, 1993, p. 336). Nesse contexto, ocorre a construção do Hospital Real de Todos os Santos, iniciada no ano de 1492, em uma horta que pertenceu ao mosteiro de S. Domingos. O hospital era o destino de diversos doentes, empobrecidos e famintos da Lisboa seiscentista, porém abrigava também lavradores, burgueses, comerciantes e fidalgos, proporcionando tratamento e conforto frente à proximidade da morte. Se o restabelecimento da saúde física resultasse da intervenção médica, de cirurgiões, sangradores e boticários, a cura, consoante com a cultura da época, ocorria por meio da força da oração, à qual era concedida uma eficácia maior do que ao tratamento clínico, pois como observam Fleck e Tavares (2013), dentro do Hospital Real, “as salas dos doentes e a capela que nele funcionava formavam arquitetonicamente o modelo de uma cruz, o que tornava possível a assistência dos ofícios religiosos pelos pacientes que se encontravam nas enfermarias” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 274).

Já no século XVI, é atribuído aos sermões uma importância fundamental para os propósitos da contrarreforma da Igreja Católica, sendo responsáveis pela propagação da fé, além da conversão e da persuasão dos indivíduos a mudanças de hábitos por meio da palavra, ou seja, da fé. Fleck e Tavares (2013) salientam que “o sermão não era pregado apenas para analfabetos e a recepção de suas mensagens não se dava exclusivamente através da leitura, pois era através da audição dos sermões pregados nas igrejas que a mensagem cristã alcançava e instruía as almas” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 271). Interpretados como ações eloquentes ligadas à oratória e também como discurso instituído na área da retórica e associado à hermenêutica e à linguística, “os sermões obedeciam a uma estrutura ordenada, definida a partir de uma introdução, passando pela explanação do tema abordado, cuja argumentação apoiava-se em passagens bíblicas e em escritos de santos e teólogos, até chegar à conclusão” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 271).

Essa utilização dos sermões demonstra a função social que a literatura exerce, como argumenta Sandra Sacramento (2010), ao atribuir à literatura um princípio utilitarista, segundo o qual o literário está a serviço do ideológico, com a intenção de ter a existência reconhecida, a “razão, assim, devia conter a emoção, contrária a

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

qualquer manifestação do desejo, fazendo, entretanto, concessão ao belo, ao bom e ao justo, quando o artístico deve estar em comum acordo com a ética” (SACRAMENTO, 2010, p. 17). Antonio Candido (2006) também analisa a literatura como um produto social, pois expressa as condições da civilização na qual ocorre, observando que durante a produção existem três momentos que são intimamente ligados, traduzindo-se como autor, obra e público, sendo que a “atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem as obras” (CANDIDO, 2006, p. 32).

Sandra Nitrini (2010) enuncia que o texto localiza-se na sociedade e na história, sendo que “estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las” (NITRINI, 2010, p. 159). Deste modo, a autora considera que o escritor participa da história por meio da transgressão da abstração, ou seja, da escrita e da leitura, “em outras palavras, da prática de uma estrutura significativa em razão de, ou em oposição a uma outra estrutura” (NITRINI, 2010, p. 159). Como demonstra Sacramento (2010), a literatura é capaz de aguçar no leitor um encanto pelo sublime, por intermédio da técnica artística conquistada com o trabalho e perseverança do escritor.

É relevante destacar que além de possuir uma função social, a literatura também possui um estilo de época, uma escola literária. No caso específico dos sermões, essa escola é o Barroco. Como aponta Massaud Moisés (1969), o período do Barroco tem início no ano de 1580, “quando Camões morre e Portugal perde sua autonomia para a Coroa espanhola, e termina em 1756, quando se funda a Arcádia Lusitana” (MOISÉS, 1969, p. 147). O autor destaca que o Barroco consiste em uma tentativa de aliança harmoniosa entre as duas perspectivas que guiavam a cultura renascentista: a medieval e a clássica, reciprocamente teocêntrica e antropocêntrica, que no decorrer de sua vigência cultivaram a prosa doutrinária, a poesia, a oratória, a epistolografia, o teatro e a historiografia.

Moisés (1969) comenta que a prosa doutrinária do Barroco manifesta duas linhas, a religiosa e a laica, escritas em um estilo límpido e terso, expressa na obra de Padre Manuel Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo, Matias Aires, Cavaleiro de Oliveira, dentre outros. Já a poesia fraciona-se em conceptista e gongórica, sendo

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

representada por Francisco Rodrigues Lôbo, D. Francisco Manuel de Melo, Frei Antônio das Chagas, Sórora Violante do Céu, Diogo Camacho, D. Tomás de Noronha, Antônio Barbosa Bacelar, Eusébio de Matos, Francisco de Vasconcelos, Jerônimo Baía e Bernardo Vieira Ravasco. A historiografia passou a concentrar-se em mosteiros e conventos, com a passagem de Portugal para o comando espanhol (1580-1640), dirigindo-se para estudos de individualidades e assumindo uma feição obscurantista e medievalizante, tendo como principais representantes Frei Luís de Sousa e a historiografia de Alcobaça. A epistolografia literária em prosa instala um dos elementos mais importantes do Barroco português, destacando-se D. Francisco Manuel de Melo, Sórora Mariana Alcoforado e Padre Antônio Vieira. O teatro apresentou-se preso aos moldes vicentinos ou expressão clássica, ou por influência do meio antirreformista, desenvolvendo características religiosas e pedagógicas, recebeu influência da comédia francesa e italiana.

Alfredo Bosi (1978) expõe que o Barroco perdurou por mais tempo na Europa neolatina, sofrendo o impacto dos recentes estados mercantis, sendo na nobreza e no clero espanhol, português e romano que se instaura o barroco-jesuítico, tratando-se de um mundo em defensiva, preso à Contrarreforma e ao Império Filipino, lutando com áreas liberais do Protestantismo e do racionalismo em crescimento na Inglaterra, França e Holanda. O Barroco é permeado “pela experiência do Renascimento e herda as suas formas de elocução maduras e crepusculares: o classicismo e o maneirismo” (BOSI, 1978, p. 34), entretanto a vida social e a retórica que traduzem as relações quotidianas são diferentes. Já Candido (2006) aponta que no decorrer do Barroco a religião-doutrina se mistura indivisivelmente à religião-símbolo, com dialética intelectual defendendo as metáforas, as formas, “toda a marcha em arabesco da expressão culta” (CANDIDO, 2006, p. 102).

Moisés (1969) enfatiza que a maior figura do Barroco foi o padre Antônio Vieira, devido sua ação pessoal, os méritos de sua oratória e por sua obra epistolográfica. O padre jesuíta nasceu na cidade de Lisboa, no ano de 1608, vindo para o Brasil aos seis anos, ingressando no colégio jesuítico da Bahia. Em 1634 ordenou-se e logo alcançou fama de pregador culto e eloquente. Em 1º de dezembro de 1640 é desencadeado o movimento de restauração da independência portuguesa, e ele viaja

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

para Portugal com a intenção de protestar lealdade ao recente monarca, D. João IV, com o qual passa a usufruir de elevado respeito e prestígio, “de que resulta ser nomeado para várias embaixadas diplomáticas no estrangeiro” (MOISÉS, 1969, p. 147). No ano de 1652 desloca-se para o Maranhão e empenha-se na conversão e catequese de indígenas. Depois de nove anos retorna para Lisboa, onde é preso devido suas ideias de caráter sebastianista. É confinado por oito anos em uma casa jesuítica e seu direito de pregar é cassado. Após ser libertado dirige-se para Roma, para requerer a revisão do seu processo, tornando-se “orador oficial do salão literário da Rainha Cristina da Suécia” (MOISÉS, 1969, p. 147). Permanece em Lisboa por alguns anos lutando pela causa dos judeus frente à Inquisição, retorna ao Brasil em 1681 e dedica-se “à faina de redigir e polir seus sermões e outras obras” (MOISÉS, 1969, p. 147-148). Antônio Vieira falece em 1697, tendo escrito *Sermões* (15 volumes, 1679-1690, 1710-1718), *História do Futuro* (1718), *Esperanças de Portugal* (1856-1857), *Clavis Prophetarum* (inédita e perdida), além de quinhentas cartas.

Antônio Vieira possuía um estilo conceptista, determinando comparações e analogias do período e passagens bíblicas, exibindo enorme profundidade de raciocínio, sendo observado como “o maior orador sacro da história portuguesa, critica os pregadores cultistas por possuírem discursos ociosos” (LEDO; MARTINS, 2001, p. 30). Cardoso Filho (2011) salienta que seus sermões tinham a finalidade de conscientizar e cristianizar os ouvintes sobre os preceitos éticos do Evangelho, sendo suas principais obras, o *Sermão da Sexagésima*, que aborda a arte de pregar, e o *Sermão de Santo Antônio* ou *Sermão aos Peixes*, que trata da escravidão indígena, ambos sermões são divididos em introdução, argumentação e conclusão.

No século XVII, era comum entre os religiosos escrever sobre o mandamento do amor e sobre o que significava o amor de Cristo, que morreu devido seu grande amor pelos homens. Sendo assim, padre Vieira escreveu entre os anos de 1643 a 1670 seis sermões que abordam a perfeição do amor de Cristo, bem como a imperfeição do amor dos homens, “sendo os cinco primeiros proferidos em Portugal e o último na Itália. Apesar de não terem sido destinados ao mesmo público, todos se caracterizam pela erudição e pelo emprego de complexos jogos de palavras, visando a persuadir e a convencer os ouvintes” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 272). Dentre

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

esses seis sermões, nos deteremos à análise do *Sermão do Mandato*, proferido aos doentes do Hospital Real de Lisboa, no ano de 1643. A escolha desse sermão se deu devido ao interesse de desvendar a forma como o jesuíta aborda o amor em sua obra, bem como o que ele trata como sendo os remédios do amor e o amor sem remédio.

Segundo Vieira (1643), os enfermos presentes no hospital estavam doentes do amor,

Diz o evangelista, Senhor, que a enfermidade vos trouxe a este lugar, e não a prodigalidade. Enfermo diz que estais, e tão enfermo que a vossa mesma ciência vos promete poucas horas de vida, e que por momentos se vem chegando a última [...]. Qual seja esta enfermidade, também o declara o evangelista. Diz que é de amor, e de amor nosso, e de amor incurável (VIEIRA, 1643, p. 1).

Sendo assim, ele propõe falar sobre os remédios do amor e o amor sem remédio:

Acomodando-me pois ao dia, ao lugar e ao Evangelho, sobre as palavras que tomei dele, tratarei quatro coisas, e uma só. Os remédios do amor e o amor sem remédio. Este será, amante divino, com licença de vosso coração, o argumento do meu discurso (VIEIRA, 1643, p. 1).

Edson Silva (2013) ressalta que o *Sermão do Mandato* de 1643 foi pregado durante a Quaresma, tendo como tema “a paixão, o sofrimento amoroso e o inquietante contraste entre o amor de Cristo e a vulgar amorosidade humana” (E. SILVA, 2013, p. 3). Fleck e Tavares (2013) expõem que, no sermão, padre Vieira descreve o amor como uma doença irremediável, recomendando a utilização de determinados remédios para a cura dos enfermos de amor, tais remédios são o tempo, a ausência, a ingratidão e o melhorar de objeto, pois como evidencia o jesuíta,

Os remédios do amor e o amor sem remédio são as quatro coisas, e uma só, de que prometi falar, porque, sendo a enfermidade do amor a que tirou a vida ao Autor da vida, não se pode mostrar que foi amor sem remédio, sem se dizer juntamente quais sejam os remédios do amor [...]. Os remédios, pois, do amor mais poderosos e eficazes que até agora tem descoberto a natureza, aprovado a experiência e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausência, a ingratidão, e, sobretudo, o melhorar de objeto [...]. E com se aplicarem todos estes remédios à enfermidade, todos estes defensivos ao coração, e todos estes contrários ao amor do divino Amante, nem o tempo o diminui, nem a ingratidão o esfriou, nem a ausência o enfraqueceu, nem a melhoria do objeto o mudou um ponto (VIEIRA, 1643, p. 1).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

O padre se detém no esclarecimento da eficácia de cada remédio para suprimir a doença do amor, das almas pecadoras.

O primeiro remédio do amor, o tempo, submete e caracteriza variadas particularidades dos seres humanos, sendo responsável pela corrupção, pela finitude e pela degeneração das coisas, sendo que nada que faz parte do domínio do mundo sensível pode evadir-se. Pois, como afirma o jesuíta “tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba” (VIEIRA, 1643, p. 2).

Para E. Silva (2013), o tempo concede a força da paixão amorosa que define o começo do relacionamento entre os indivíduos, porém tira a novidade do amor, acarretando em um relacionamento de curta duração, visto que “essa enfermidade aumenta com o tempo, ela se gasta, perde aos poucos a intensidade e finda por completo com o passar dos dias” (E. SILVA, 2013, p. 4). O autor retrata que os seres humanos criam uma imagem do seu objeto amoroso, amando “aquilo que não existe e, conforme o tempo passa, o amante percebe que seu desejo e imaginação sobre o amado não encontra correspondência na realidade” (E. SILVA, 2013, p. 5).

Vieira (1643), valendo-se do amor de Cristo, demonstra que o tempo não diminui o amor, mas o amor que diminui o tempo, pois “se o amor de Cristo de mil horas fazia uma só hora, vede quão certo é o que eu dizia, que, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor diminui o tempo” (VIEIRA, 1643, p. 3), por isso o jesuíta afirma que o tempo é o primeiro remédio para os doentes do amor.

O segundo remédio do amor é a ausência. Vieira (1643) observa que os filósofos definem a morte pela ausência, “e a ausência também se há de definir pela morte, posto que seja uma morte de que mais vezes se ressuscita” (VIEIRA, 1643, p. 5), atribuindo à morte dois efeitos, dividir e esfriar, salientando que a ausência também possui os mesmos efeitos ou poderes:

Despediram-se com grandes demonstrações de afeto os que muito se amavam, apartaram-se enfim, e, se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpitam no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lágrimas, e que saem as lágrimas, e que saem da boca alguns suspiros, que são as últimas respirações do amor. Mas, se tomardes depois destes ofícios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração sossegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausência seu ofício, como a morte: apartou, e depois de apartar, esfriou (VIEIRA, 1643, p. 5).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

E. Silva (2013) esclarece que, da mesma forma como morte acarreta o esquecimento daqueles que já se foram, a ausência no amor provoca um tipo de esquecimento. Bem como o tempo, a ausência sujeita-se à degradação das coisas submetidas ao mundo sensível. O autor afirma que os “seres humanos não são capazes de suportar uma falta que perdure por muito tempo. A ausência é o estado em que não se pode alcançar o amado com o olhar, pois amor é essencialmente união que não suporta distâncias” (E. SILVA, 2013, p. 5). Deste modo, Vieira (1643) sustenta que por mais distante que seja a ausência, ela não é capaz de mudar a natureza do amor, pois.

Assim como o amor de Cristo não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno, assim não pode deixar de amar em nenhum lugar ou distância, porque é amor. – O amor não é união de lugares, senão de vontades; se fora união de lugares, pudera-o desfazer a distância, mas como é união de vontades, não o pode esfriar a ausência. A ausência mais distante que se pode imaginar é a que hoje fez Cristo: [...] ausência deste para o outro mundo. Todas as outras ausências, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausência de Cristo era tão distante, que excedia a esfera de todos os elementos, e passava da terra até o céu (VIEIRA, 1643, p. 5).

Como a distância e a ausência eram excessivas, a distância afastou os corpos, entretanto não conseguiu dividir os corações, “pôde a ausência impedir a vista; mas não pôde esfriar o amor” (VIEIRA, 1643, p. 5). Vieira (1643) frisa que, apesar de os efeitos da ausência serem dividir e esfriar, “a ausência de Cristo, em vez de dividir, uniu, e em vez de esfriar, acendeu. Em vez de dividir, uniu as pessoas, e em vez de esfriar, acendeu o amor” (VIEIRA, 1643, p. 5), sendo que quanto maiores forem as distâncias da ausência de Cristo, maiores e mais fortes serão os efeitos e afetos de Seu amor.

A ingratidão é o terceiro e o mais forte remédio do amor, uma vez que,

Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é o remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. A virtude que lhe dá tamanha eficácia, se eu bem o considero, é ter este remédio da sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor a ausência, é sem-razão de que todos se queixão; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o aprova, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

ingrato? O tempo é natureza, a ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. Se ponderamos os efeitos de cada um destes contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa; porém, se foi ingrato, não só ficou indigno do mais tíbio amor, mas merecedor de todo o ódio (VIEIRA, 1643, p. 7).

O jesuíta salienta que o tempo e a ausência contestam o amor pela memória, já a ingratidão pela vontade e pelo entendimento, deste modo, tendo “ferido o amor no cérebro, e ferido no coração, como pode viver?” (VIEIRA, 1643, p. 8).

De acordo com E. Silva (2013), a ingratidão é contrária ao amor, pois conforme a tradição aristotélico-tomista do amor, a reciprocidade é um dos aspectos principais das relações amorosas, sendo que o sentimento amoroso é dotado de uma benevolência prazerosa, desejando estar junto do indivíduo por quem se tem afeto, rejeitando o descontentamento e pesar provocados pela ingratidão do amado.

Como revela Vieira (1643), a ingratidão é o maior contrário do amor, sendo este terceiro remédio o último, bem como o mais presente e eficaz, dado que “é a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, acende-o mais” (VIEIRA, 1643, p. 8). O jesuíta demonstra que Cristo sofreu dos homens as maiores ingratidões, “mas nenhuma, nem todas juntas foram bastantes para lhe remitirem um ponto o amor, nem vivo, nem morto” (VIEIRA, 1643, p. 8), pois Cristo amou os que estavam no mundo e também os que não estavam, “não só amou os presentes, senão os passados e os futuros, porque por todos os que eram, foram e haviam de ser, deu o preço de seu sangue” (VIEIRA, 1643, p. 8). Reiterando que “não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amor de Cristo, que — assim como dissemos dos outros remédios — em vez de as ingratidões o diminuïrem, o acrescentaram, e em vez de serem remédio para aborrecer, foram motivo para mais amar” (VIEIRA, 1643, p. 8).

O quarto e último remédio do amor é o melhorar de objeto, com o qual ninguém deixou de sarar:

Dizem que um amor com outro se paga, e mais certo é que um amor com outro se apaga. Assim como dois contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dois amores, porque o amor que não é intenso não é amor. Ora, grande coisa deve

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

de ser o amor, pois, sendo assim, que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amores. Daqui vem que, se acaso se encontram e pleiteiam sobre o lugar, sempre fica a vitória pelo melhor objeto. É o amor entre os afetos como a luz entre as qualidades. Comumente se diz que o maior contrário da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrário de uma luz é outra luz maior [...]. O mesmo lhe sucede ao amor, por grande e extremado que seja. Em aparecendo o maior e melhor objeto, logo se desamou o menor (VIEIRA, 1643, p. 10-11).

E. Silva (2013) argumenta que o melhorar de objeto é o último e mais prazeroso remédio para os enfermos do amor, pois é quando se descobre um amado que é mais virtuoso que o primeiro, sendo que essa troca não acarreta em nenhuma dor ao amante, “pois esse, já com afeição mudada, felicita-se pelo novo objeto de amor” (E. SILVA, 2013, p. 7). Como o amor humano é sujeito a variações, aceita-se que uma pessoa possa aprimorar-se à outra, esquecendo aquele que era o objeto original de seus cuidados, visto que a mudança e a melhora de objeto, também modifica e melhora o amor. Além de não acarretar nenhuma dor, o novo amor mostra-se de forma mais intensa, intensidade essa que permite que a melhora do objeto do amor seja um remédio eficaz.

Fleck e Tavares (2013) sublinham que Vieira tinha o objetivo de intensificar “um determinado sentimento de amor entre os homens e dos homens em relação a Deus” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 16). Sendo assim, o padre confere ao amor divino extrema importância, sendo um amor diferente do amor humano, pois o amor de Cristo é perfeito e incurável, sendo um amor que não tem remédio, cujo fogo não se apaga.

Após apresentar os remédios do amor, Vieira (1643) esclarece que o amor sem remédio é o amor de Cristo, sendo que os remédios do amor fortalecem ainda mais o amor divino:

Eis aqui, fiéis, como nenhum dos remédios que costumam acabar ou diminuir o amor, nenhum dos contrários, que o costumam contrastar e vencer, foi bastante para que o intensíssimo amor com que Jesus nos amou e ama, não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remitisse um ponto, servindo só o poder dos remédios para mais o acender, e a força dos contrários para mais fortemente os triunfar. Venceu o seu amor o tempo, venceu a ausência, venceu a ingratidão, e até da melhoria de um tão incomparável objeto não pôde ser vencido (VIEIRA, 1643, p. 14).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

E incentiva os ouvintes, que possuem um amor imperfeito, a amar a Cristo, como Cristo os ama. Porque, sendo o amor de Cristo um amor sem remédio, Ele deu sua vida para salvar a vida dos homens, a quem tanto ama:

Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amor todos os contrários, será justo que lhe resistam os seus, e se na hora em que morre de amor sem remédio o mesmo amante, será bem que lhe faltem os corações daqueles por quem morre? Amemos a quem tanto nos amou, e não haja contrário tão poderoso que nos vença, para que não perseveremos em seu amor. Se ele nos amou por toda uma eternidade, por que o não amaremos nós por tão poucos dias, e tão breves, como são os da nossa vida? Aprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constância de nossos vícios; e pois não basta o tempo a nos mudar dos pecados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento deles (VIEIRA, 1643, p. 14).

Fleck e Tavares (2013) enfatizam que Jesus Cristo possui um coração divino e humano, por isso seu amor não se divide e nem se esfria, mas é forte o bastante para tornar-se o remédio das loucuras do amor humano, uma vez que “perante todo e qualquer grande amor humano, o amor divino se destacaria, dado o seu caráter ‘tão digno’ e tão maior. E, diante do amor de Cristo qualquer formosura humana tornava-se fealdade e qualquer grandeza tornava-se vileza” (FLECK; TAVARES, 2013, p. 16).

Assim sendo, Vieira (1643) discorre que o verdadeiro amor é encontrado só em Cristo, visto que somente o perfeito do amor divino merece ter o nome de amor, por ser um amor imortal, que não enfraquece e nem diminui, tendo a obrigação de ser eterno, pois se não for eterno não é amor. Questionando os homens sobre quem amam, se não amam a Jesus e condenando aqueles que o trocaram por um malfeitor e aquele que o traiu:

Que amamos, cristãos, se não amamos a Jesus? Que objeto mais digno de ser amado? Que objeto que compita com ele, não digo na igualdade, senão na semelhança? Toda a outra formosura, em comparação da sua, não é fealdade? Toda a outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Cristo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço, e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e afrontosamente? (VIEIRA, 1643, p. 14).

Vieira (1643) encerra seu sermão reafirmando que o amor de Jesus é um amor sem remédio, o único capaz de curar as loucuras do amor humano. O padre pede ao Senhor para olhar pelos enfermos do amor, retirando deles o amor que não pertence

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

à Deus, suplicando que Jesus deixe de seu amor para os homens e afirmando que eles só amarão à Deus:

Ah! Senhor, que só o vosso amor, que não teve remédio, pode ser o remédio das loucuras do nosso. Remediai tantas cegueiras, remediai tantos desatinos, remediai tantas perdições. E pelo amor com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amor que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê que por despedida vos pedimos nesta última hora vossa. Lembrai-vos, enfermo divino, que estais nos últimos transes da vida. Não vos esqueçais de nós em vosso testamento. O legado que esperamos de vossa liberalidade, como criados, e a esmola que pedimos a vossa misericórdia, como pobres, é que nos deixeis, pois nos deixais, alguma parte do vosso amor. Amanhã vos hão de partir o coração: reparti dele conosco, para que de todo o coração vos amemos. Oh! quanto nos pesa nesta hora, e para sempre, de vos não ter amado como devíamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais! Só a vós havemos de amar de hoje em diante, e posto que em vós concorram tantos motivos de amor, e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o prometemos firmemente a vosso amor, e assim o confiamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na glória (VIEIRA, 1643, p. 14).

Assim, a análise do *Sermão do Mandato*, proferido pelo padre Antônio Vieira aos doentes do Hospital Real de Lisboa, no ano de 1643, permitiu compreender a diferença existente entre o amor de Cristo, que é perfeito, e o amor humano, que é imperfeito. Tal diferença é demonstrada pelos quatro remédios do amor: tempo, ausência, ingratidão e melhorar de objeto. Tais elementos se tornam remédios do amor, pois segundo o jesuíta o amor é a doença incurável de Cristo, que devido seu grande amor pela humanidade, morreu em uma cruz para trazer a salvação às almas pecadoras. Os seja, como Cristo estava enfermo de amor, Ele morreu em consequência do seu amor pelos homens.

Vieira demonstrou que o amor é um sentimento que precisa ser cultivado, alimentado e fortalecido pelos indivíduos por meio da moral cristã, que representa o amor *Ágape*, que é o amor divino, o amor de Deus, que é puro, sendo instituído e modelado pela fé, expressando, ao mesmo tempo, o amor de Deus pelos seres humanos e o amor que os seres humanos nutrem por Deus.

Deus é apresentado como o remédio para os doentes do amor, pois só o amor de Cristo, cujo tempo não pode diminuir, a ausência não pode enfraquecer, a ingratidão não pode esfriar e o melhorar de objeto não pode mudar, é capaz de curar as almas enfermas e libertá-las do pecado. Em suma, parafraseando o próprio Vieira,

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

que o amor de Cristo, que não tem remédio, possa ser o remédio para as loucuras do amor humano.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, 553 p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, 199 p.

CARDOSO FILHO, Antonio. **Teoria da Literatura I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

FLECK, Elaine Cristina Deckmann; TAVARES, Mauro Dillmann. Pregando sobre o amor aos frágeis corações de cera: o Sermão do Mandato do Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1643). **Revista Antíteses** – Dossiê História e Ensino. Londrina/PR, n. 12, v. 6, p. 269-292, jul./dez. 2013.

LEDO, Teresinha de Oliveira; MARTINS, Patrícia. **Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCK, 2001, 122 p.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1969, 459 p.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010, 312 p.

RAMOS, Luís A. de Oliveira. Do hospital real de todos os santos à história hospitalar portuguesa. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto/Portugal, v. 10, p. 333-350, 1993.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **Introdução aos estudos literário II: Literatura, correntes teórico-críticas: Letras Vernáculas**. Ilhéus, BA: UAB-UESC, 2010, 148 p.

SANTOS, Carlota. As cidades portuguesas na idade moderna. População. In: I CONGRESSO HISTÓRICO INTERNACIONAL. AS CIDADES NA HISTÓRIA: POPULAÇÃO, 2012, Guimarães, Portugal. Anais... Guimarães/Portugal: **CITCEM** – Grupo de História das Populações, 2012. p. 203-218. Disponível em: <http://www.ghp.ics.uminho.pt/eu/ficheiros%20de%20publica%C3%A7%C3%B5es/IV%20Relat%C3%B3rio/I%20Congresso%20Internacional%20GMR/Carlota%20Santos_As%20cidada%20portuguesas.pdf>. Acesso em 01 de mar. de 2017.

SILVA, Edson Barbosa da. Educação, remédios e as ignorâncias do amor nos sermões de Antônio Vieira. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Maringá, Paraná. Anais... Maringá, Paraná. Universidade Estadual de Maringá - **Programa de Pós-Graduação em História**, 2013. p. 1-14. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/521_trabalho.pdf>. Acesso em 10 de abr. de 2017.

SILVA, Priscila Aquino. O Hospital Real de Todos-os-Santos e seus agentes da cura. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos. Rio de Janeiro, n. 4, v. 22, out./dez. 2015.

VIEIRA, Antônio. **Sermão do Mandato** (1643). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000018pdf.pdf>>. Acesso em 12 de fev. 2017.

Recebido em: 07/01/2020.

Aprovado em: 27/08/2020.